

LABORATÓRIO DE AVALIAÇÃO: UMA NOVA FORMA DE PENSAR O CHÃO DA ESCOLA

Evaluation Lab: A new way of thinking the school reality

Natália de Pontes Leite Monte, Ana Maria da Cunha Rego, Cíntia de Abreu Arruda, Maria
Tatiana da Silva Santos, Kilma da Silva Lima Viana
1.monteingles@hotmail.com

Resumo

Este artigo tem o objetivo de apresentar os resultados de uma pesquisa realizada no âmbito do Laboratório de Avaliação, que foi idealizado pela pesquisadora Viana, a partir de seu aporte teórico da Avaliação da Experiência (VIANA, 2014). O Laboratório de Avaliação está em seu primeiro ano, mas apresenta resultados exitosos. Foi constituído um espaço de discussão, elaboração e testagem de instrumentos e processos avaliativos. São foco do Laboratório os experimentos, jogos didáticos e instrumentos avaliativos de larga escala, elaborados no âmbito do Programa Internacional Despertando Vocações para Licenciaturas – PDVL. O Grupo de Trabalho está sob coordenação da pesquisadora, Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Ensino de Ciências – GEPEC e orientados por professores, que foram bolsistas do PDVL e retornaram ao programa na condição de professor colaborador. A perspectiva do Laboratório de Avaliação é formar estudantes de graduação da Licenciatura em Química na área de avaliação da aprendizagem, para que possam as atividades de ensino sejam feitas de maneira planejada e que considere a avaliação como parte fundamental para sua efetividade. Como resultados observa-se o quanto o Laboratório de Avaliação tem se configurado como um espaço de ação e reflexão de futuros professores e práticas planejadas e construídas coletivamente.

Palavras-chave: Laboratório. Avaliação da Experiência. Ensino de Química.

Abstract

This article aims to present the results of a survey conducted under the Evaluation Laboratory, which was designed by researcher Viana, from its theoretical contribution of Experience Assessment (VIANA, 2014). The Evaluation Laboratory is in his first year but has successful results. It was established in a space for discussion, development and testing tools and evaluation processes. They are the focus of the Laboratory of practical experiments, educational games and evaluative tools for large-scale, developed in the International Program Scope Awakening Vocations for Undergraduate - PDVL. The Working Groups are coordinated by the researcher, leader of the Study Group and Research in Science Teaching - GEPEC and guided by teachers who were fellows PDVL and returned to the program in the developer teacher condition. The perspective of the Evaluation Laboratory is to train graduate students of the Degree in Chemistry in the area of assessment of learning so that they can educational activities are made as planned and to consider evaluation as a key part of its effectiveness. As a result, we observe how the Evaluation Laboratory has been configured as a space of action and reflection of future teachers and planned and built collectively practices.

Key-words: Laboratory. Experience Evaluation. Chemistry Teaching.

Introdução

Atualmente, a Educação encontra-se num cenário que discutir novas metodologias e modelos de processos avaliativos é instigar à quebra de antigos paradigmas no intuito de incentivar a busca de novos conceitos, e conseqüentemente, novas práticas. A todo o momento e em todos os lugares, a avaliação se faz naturalmente. Tanto na escola, como trabalho, entre os amigos e familiares, as pessoas estão averiguando e julgando as outras de formas distintas. O ato de avaliar tornou-se algo tão comum que as pessoas já o fazem inconscientemente. No âmbito educacional não é diferente. Este ocorre a todo instante, sem que necessariamente haja um instrumento que o formalize.

Segundo SAUL (2008, pg. 18) “Falar de avaliação é falar de gente, histórias, saberes, práticas e compromissos”, isto é, a avaliação deve ser concebida como um processo que relaciona a prática docente com a prática avaliativa, e não estar focada apenas em métodos, procedimentos e instrumentos, como é comumente compreendida. Ao questionar diferentes professores o significado de avaliação, percebe-se que esta possui várias definições e conceitos construídos a partir de suas experiências como alunos e mais tarde como docentes, portanto, essas diferentes concepções de avaliação corroboram para a construção de diferentes conceitos sobre educação. De acordo com SAUL (2008), a avaliação não é uma ação neutra, como muitos tentam fazê-la parecer. Para que sejam tomadas medidas em relação aos métodos, procedimentos e instrumentos de avaliação é necessário que estes estejam coerentes com a prática educativa, fazendo, assim, com que a prática avaliativa esteja diretamente ligada à prática educativa.

Portanto, é decerto afirmar que avaliação e prática devem se combinar e se completar. SAUL (1985) traz uma perspectiva crítico transformadora da avaliação, a qual denomina de Avaliação Emancipatória, ou seja, uma avaliação que supera os muros da medição e classificação, erguidos em métodos, procedimentos e instrumentos, e se compreende como um processo interligado com a prática docente e que faz o “aluno andar com as próprias pernas” (SAUL, 1985).

Falar sobre a Avaliação da Aprendizagem é entrar numa discussão de práticas e valores, historicamente, relegados à ideia de medida, classificação e seleção, especialmente no que se refere ao ensino de Física e Química (LIMA, 2008). Viana (2014) afirma que diversas pesquisas demonstram que os professores dessas áreas vivenciam práticas de ensino e de avaliação que não dialogam e que mesmo com tantos estudos, os professores permanecem presos às práticas tradicionais.

Barros Filho (2002) afirma que muitos professores já apresentam mudança nas concepções, e até mesmo no discurso e nas práticas de ensino, entretanto não ocorre da mesma forma com a avaliação, pois, na prática, elas não são vivenciadas, mesmo com todos os estudos, permanecem no campo das ideias, nos livros ou nas folhas de papel.

Diante disso, este artigo tem por objetivo analisar as ações do Laboratório de Avaliação - LA, considerando a testagem e elaboração de instrumentos avaliativos, além de cursos de formação promovidos pelo LA. O campo de pesquisa é o Instituto Federal de Pernambuco – campus Vitória de Santo Antão – PE. Considerando que o diferencial dessa proposta é a sua materialização. Essa proposta é fundamentada no aporte teórico da Avaliação da Experiência de Viana (2014), considerando seus pressupostos, princípios e percurso metodológico. Todas as ações são vivenciadas no âmbito do Programa Internacional Despertando Vocações para Licenciaturas – PDVL e os estudos são fomentados a partir do Grupo de Estudos e Pesquisas em Ensino de Ciências – GEPEC. Espera-se, a partir dos resultados, contribuir para a discussão acerca da materialização da avaliação da aprendizagem.

Referencial Teórico

O distanciamento entre as teorias da aprendizagem e as teorias de avaliação da aprendizagem prejudica o objetivo da avaliação que é auxiliar na aprendizagem do estudante (VIANA, 2014). Sendo facilmente observável na sala de aula, quando os professores até já apresentam práticas de ensino inovadoras, mas as práticas avaliativas se mantêm pontuais e os classifica com médias aritméticas, mantendo, práticas avaliativas “com fortes aspectos excludentes, com viés autoritário, com o intuito de classificar e comparar o rendimento dos estudantes” (VIANA, 2014, p.16), tendo ênfase na chamada matematização das Ciências da Natureza (VIANA, 2014).

Outro aspecto criticado por Viana (2014), é a sempre tentativa de professores das Ciências da Natureza em “nivelar” os estudantes a partir de práticas padronizadas. Porém, Viana

assumindo o posicionamento filosófico do Alternativismo Construtivo (KELLY, 1955), não incentiva essa tentativa no Laboratório de Avaliação, mas defende uma nova perspectiva de Avaliação, denominada por ela de Avaliação da Experiência, que a aprendizagem é uma Experiência, composta por cinco etapas (KELLY, 1955), tendo como fio condutor a avaliação a partir de um processo de reconstrução e reflexão, pois essa experiência não é puramente empírica, mas também cognitiva, pois ocorre após reflexão, tendo a razão como aspecto principal.

O aporte teórico da Avaliação da Experiência também é composto por cinco etapas em seu percurso metodológico, pois esse percurso é baseado no CEK (KELLY, 1955) e apresenta 3 (três) pressupostos e 8 (oito) princípios que estão de acordo com as ideias mais inovadoras de ensino e de avaliação, a saber:

Pressupostos:

Avaliação como parte fundamental do processo de ensino e aprendizagem:

Viana defende como primeiro pressuposto a ideia de que a avaliação é a parte fundamental do processo de aprendizagem, e não um apêndice, pois mostra caminhos a serem traçados.

Caráter mutável das concepções:

De acordo com Viana (2014, p. 176), “as concepções são mutáveis, passíveis de revisões”. Devido ao posicionamento filosófico do Alternativismo Construtivo (KELLY, 1955), Viana ressalta a grande importância dessa revisão.

Avaliação como instrumento de transformação:

O terceiro pressuposto defende a avaliação como o veículo de transformação das concepções e práticas e também da aprendizagem de novos conhecimentos, pois os seus resultados podem guiar o professor e o estudante no processo de aprendizagem, pois esse aporte teórico está a serviço da aprendizagem. Dialogando com Kelly (1955) em relação às questões da aprendizagem, Viana (2014) afirma que essa transformação ocorre nas cinco etapas do ciclo do percurso metodológico da Avaliação da Experiência (Antecipação, Investimento, Encontro, Confirmação ou Desconfirmação e Revisão Construtiva).

Diante disso, na primeira etapa (Antecipação), o professor pode fazer uso de uma avaliação diagnóstica tanto para conhecer os conhecimentos prévios dos estudantes, tanto para antecipar quais assuntos deverão ser abordados na prática e quais estratégias pedagógicas poderão ser utilizadas com base nos construtos de seus estudantes. Nessa etapa, os estudantes conhecerão a proposta do professor, podendo fazer acordos sobre ela e também poderão refletir sobre o que já sabem sobre os “novos” conceitos que será abordado. Na segunda etapa (Investimento), o professor e os estudantes “investem” no conteúdo através de debates, discussões e estudos no intuito de se prepararem para a etapa seguinte. Esta, por sua vez, é a etapa do Encontro, onde os conteúdos abordados são construídos de forma coletiva e os estudantes ao final terão a possibilidade de Confirmar ou Desconfirmar as hipóteses levantadas inicialmente enquanto participavam das etapas de Antecipação e Investimento. A etapa da Confirmação ou Desconfirmação é estruturada em instrumentos avaliativos os quais estudantes e professores possam avaliar todo o processo de construção do ensino-aprendizagem. E, finalmente, a quinta etapa do ciclo, é a Revisão Construtiva, onde tanto o professor quanto os estudantes poderão refletir sobre mudanças de concepções ocorridas durante todo o processo. Dessa forma, na perspectiva da Avaliação da Experiência, os estudantes tem a oportunidade de desconstruírem, construir e/ou reconstruírem o conhecimento de forma única e a partir de suas vivências através da prática avaliativa, pois em todas as etapas o estudante está envolvido na avaliação.

Princípios

Princípio da Negociação:

A negociação é o primeiro princípio defendido por Viana (2014), pois como a Avaliação da Experiência dialoga com uma perspectiva de ensino Construtivista, em que concebe o estudante um ser ativo em seu processo de aprendizagem, esse princípio é essencial, pois a Negociação pressupõe busca por consensos (GUBA; LINCOLN, 1989). Essa negociação precisa estar

presente em todos os momentos de decisões durante o processo. Para Viana, o processo deve iniciar com uma avaliação diagnóstica para que o professor comece a conhecer a turma e possa, então, entrar em acordos. Sabe-se que a cultura da avaliação atual não conseguiu ainda formar estudantes maduros para esse momento, no entanto, Viana defende que se faz necessário iniciar. Diz ainda que no início as decisões compartilhadas serão feitas de forma mais tímida, coordenada pelo professor, mas ao longo do tempo, será possível a vivência mais efetiva de práticas negociadoras maduras.

Princípio do Acolhimento.

Para Viana, as ideias novas devem sempre fazer parte do processo, e o acolhimento das ideias do outro é essencial para que a negociação seja vivenciada. Não há como fazer negociação, sem levar em conta as ideias alheias, pois, segundo Viana (2014, p. 179) “o dinamismo do consenso conduz a momentos de conflitos” e o acolhimento assegura que pessoas “de posições diferentes, divergentes, possam buscar o ponto de convergência, o consenso” (p. 179). Viana destaca que nesse princípio há o “resgate da essência da avaliação, que é cuidar do processo de ensino e aprendizagem, sentar ao lado e acolher o outro” (p. 180), dessa maneira, supera a ideia de uma avaliação que coloca professor e estudante de lados opostos.

Princípio da Confiança:

Outro princípio defendido nesse aporte teórico é a Confiança. Viana afirma que no chão da escola existe como cultura estabelecida um ritual, a ele, ela dá o nome de “ritual de barganha”. Segundo o qual, “o professor ensina e o estudante aprende, depois professor avalia e o estudante devolve para o professor o que ele ensinou” (p. 180). Nessa perspectiva, Viana afirma que o processo educativo se resume em uma “prestação de contas”, ficando a cabo do professor escolher a moeda. Diante desse entendimento, ressalta a importância do princípio da Confiança, pois também “resgata o caráter humano da avaliação e tem como base as relações afetivas” (p. 180), que é essencial para que a Avaliação da Experiência ocorra, pois sem a confiança, o professor e seus estudantes não constroem parceria, que é a base para o processo avaliativo.

Princípio da Proatividade:

Para que essa parceria se estabeleça, faz-se necessário também uma postura proativa. Os atores precisam ter a disponibilidade para o “novo”, pois considera que a avaliação não é um processo estativo, muito pelo contrário, ela precisa estar atenta ao movimento da sala de aula, os desafios, as lacunas e os alcances de cada um e é no princípio da Proatividade que se encontra a base para o dinamismo das decisões e das reorientações.

Princípio Crítico-Reflexivo:

Viana afirma também que esse dinamismo forma estudantes ainda mais ativo e por isso propõe o Crítico-Reflexivo. Esse princípio coloca em cheque as práticas avaliativas que primam pela padronização, pela memorização e pela reprodução. Por esse motivo, o professor que vivencia a Avaliação da Experiência deve considerar uma diversidade de instrumentos, que tenham como base o desafio (e não a padronização, que aguce a criatividade e desejo de aprender do estudante.

Princípio da Emancipação:

Quando o estudante é estimulado a pensar, e não reproduzir, quando ele é incentivado a se autoavaliar, a compreender seu processo de aprendizagem, quando discute sobre as suas necessidades, Viana afirma que a avaliação se transforma em um instrumento de Emancipação. Por esse motivo, defende o princípio da Emancipação, pois, para ela, um estudante crítico e reflexivo buscará a sua emancipação, não se limitando a apenas reproduzir ou executar tarefas. O Princípio da Emancipação reconhece que a Avaliação da Experiência é, “antes de tudo, político-social, pois busca formar indivíduos, além de críticos, reflexivos, também emancipados, autônomos” (182) e não dialoga com as vertentes relacionadas à subordinação, passividade ou dependência.

Viana destaca que dentre da sala de aula, o professor sempre foi o centro das decisões e os estudantes “aprenderam” a esperar e aceitar essas decisões do professor, mas, ressalta que, se estamos querendo formar cidadãos, é preciso que o estudante tenha espaço para se reconhecer enquanto protagonista de sua história.

Princípio do Compartilhamento:

Compartilhamento, para Viana, vai além da ideia de interação. Pressupõe a ideia de colaboração e de troca, assim, bem mais do que a interação, faz-se necessário compartilhar responsabilidades, decisões ideias e sentimentos. Viana ressalta que “em momentos de negociação, de troca, de partilhamentos, é comum que ocorram crises, cansaços, desgastes e insatisfações” (VIANA, 2014, p. 182), e que é compartilhando que se pode superar as tomadas de decisões unilaterais, além, também, a responsabilidade sobre o fracasso ou sucesso, de apenas um dos lados, sendo o processo educativo considerado como a força resultante das diversas forças coletivas.

Princípio Ético:

O princípio Ético é defendido por Viana para que a avaliação seja justa e coerente, pois uma avaliação é ética quando tem por base os acordos estabelecidos e os critérios claros, ocorrendo quando seus resultados não se tornam o mapeamento das fragilidades a serem perseguidas, não punem e não prejudicam nem os estudantes e nem o professor. A avaliação é ética quando, antes de tudo, auxilia na formação e no crescimento do grupo e também quando considera as diferenças, os ritmos de cada um e quando considera que “todos têm direito de aprender” (p. 183).

Em seu DNA, a Avaliação da Experiência coloca em “cheque” as práticas avaliativas tradicionais, pois traz o respeito à individualidade, o compartilhamento de responsabilidades, de saberes e fazeres, o acolhimento das ideias do outro, as práticas justas, a busca pelo consenso por sujeitos ativos e autônomos no processo.

Metodologia

Esta pesquisa tem natureza qualitativa e se enquadra como um estudo de caso. Ao definir o estudo de caso como instrumento de investigação, Ventura (2007) destaca que:

(...) o estudo de caso como modalidade de pesquisa é entendido como uma metodologia ou como a escolha de um objeto de estudo definido pelo interesse em casos individuais. Visa à investigação de um caso específico, bem delimitado, contextualizado em tempo e lugar para que se possa realizar uma busca circunstanciada de informações. (VENTURA, 2007, p. 384)

Dessa forma, a presente pesquisa visa investigar especificamente os efeitos da testagem e elaboração de instrumentos avaliativos dentro do Laboratório de Avaliação, voltado diretamente para ações do Programa Internacional Despertando Vocações para Licenciaturas (PDVL). Este programa surgiu a partir de resultados de pesquisas desenvolvidas pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Ensino de Ciências – GEPEC, oriundo do IFPE- campus Vitória de Santo Antão, onde foi verificada a necessidade de se desenvolver estratégias e ações na área de Ciências da Natureza, devido às diversas lacunas que esta apresenta. Diante dessa realidade, foi concebido o PDVL, no âmbito do IFPE-campus Vitória, com a perspectiva de buscar estratégias para auxiliar na democratização e desmistificação do ensino da Química, nesse primeiro momento, constituindo como um espaço de troca de saberes entre os licenciandos e os estudantes do Ensino Médio da Rede Pública de ensino.

No ano de 2014 o PDVL foi conduzido de maneira piloto, pois era a primeira vez que estava sendo desenvolvido um programa dessa natureza no IFPE. Por estar nessa condição, apesar de ser um programa destinado a todas as licenciaturas, no primeiro momento, apenas a Licenciatura em Química foi contemplada. A escolha do curso se deu pelo fato de já existir no campus Vitória o Grupo de Estudos e Pesquisas em Ensino de Ciências – GEPEC, liderado pela coordenadora geral e proponente do PDVL. O GEPEC já desenvolvia pesquisas na área de Química e de Física e essas pesquisas também deram encaminhamentos a muitas das ações propostas e desenvolvidas no PDVL.

Muitas ações foram realizadas no ano de 2014 através do programa e das parcerias entre o Instituto Federal de Pernambuco (IFPE - campus Vitória), Instituto Federal da Paraíba (IFPB – campus João Pessoa), Instituto Federal de Alagoas (IFAL – campus Maceió), Universidad Nacional de La Plata (UNLP) e Universidad de Mendoza (UM), como oficinas, visitas técnicas, feiras de profissões, simpósios, congressos, cursos de extensão internacional. No ano de 2015, o PDVL deu continuidade às ações exitosas e iniciou outras novas, conforme objetivos específicos para essa nova etapa. Destacamos que no ano de 2015 foi ampliado o contexto de atuação, pois além da licenciatura em Química, outras licenciaturas foram contempladas, tais como: Licenciatura em Química, em Física, em Geografia, em Matemática, além da ampliação para a Licenciatura em Pedagogia e também das parcerias (IFPE, IF-Sertão Pernambucano, UFPE, UFRPE, IFPB, IFAL, IFRO, IFGO, IFPI, UPLA, UNLP, UM).

No presente ano, 2016, o programa continua a crescer e dessa forma, foi criado o Laboratório de Avaliação, para que as ações do programa pudessem ser analisadas e elaboradas a partir dos processos de relação entre avaliação e ensino-aprendizagem.

Diante do objetivo exposto anteriormente, o campo estudado é o Instituto Federal de Pernambuco, mais precisamente, o PDVL. Os sujeitos são os estudantes participantes do PDVL que participam das ações do Laboratório de Avaliação. Ressaltamos que no Laboratório passam estudantes de todos os Grupos de Trabalho do PDVL (Experimentação, Avaliação – Resolução de Problemas, Jogos Didáticos, Tecnologias Educacionais e Visitas Guiadas). Os dados foram coletados através de observação e registro das ações do LA, além do seu documento orientador.

A análise dos dados foi realizada fazendo as relações entre o próprio documento do LA e a sua vivência, pois estávamos analisando de que maneira o LA se materializava, como o aporte teórico era utilizado pelos participantes e como os objetivos eram executados.

Resultados

Observamos que o Laboratório está em ação. Estão envolvidos 40 estudantes, distribuídos nos seguintes GT's: Jogos Didáticos, Experimentação, Tecnologias Educacionais, Visitas Guiadas e Avaliação Resolução de Problemas.

Os GT's têm encontros semanais, com estudos e elaboração das propostas que serão colocadas em prática nas escolas parceiras do PDVL. Todas as ações são planejadas de acordo com as dificuldades mapeadas, a partir de uma pesquisa inicial, com os estudantes do Ensino Médio dessas escolas. Orientados pelos professores que coordenam os GT's, os licenciandos estudam os casos, produzem os materiais e planejam as ações, que são apresentadas no LA.

De acordo com os dados coletados, o Laboratório de Avaliação tem alcançado os seguintes objetivos (todos previstos em seu documento orientador):

Ensino:

- Estudos sistemáticos acerca do aporte teórico da Avaliação da Experiência;
- Formação de Grupos de Estudos por área de atuação – ENEM, Experimentos, Jogos Didáticos;
- Preparação de materiais por GT, afinal, para que as práticas sejam bem vivenciadas, é importante a preparação planejada dos materiais;
- Formação de estudantes na área de Avaliação, afinal, é necessário que tenham propriedade sobre o que é avaliação para que façam parte de um Laboratório de avaliação.

Pesquisa:

- Pesquisa sobre o campo da avaliação, seus limites e possibilidades, pois faz parte do corpo de investigação a área da Avaliação;
- Identificação de principais dificuldades dos estudantes, pois os estudantes passam em todas as instituições parceiras (Escolas da Rede Pública dos municípios do entorno) e fazem um levantamento sobre os conteúdos que os estudantes apresentam dificuldades para que sejam preparadas ações sobre esses conteúdos nos diversos GT's;
- Estudos sobre os principais obstáculos epistemológicos dos conteúdos que apresentam maiores dificuldades, pois é imprescindível que os estudantes, que estão elaborando as ações (orientados pelos professores), possam entender as principais barreiras de cada

conteúdo;

- Pesquisa sobre as relações existentes entre as principais dificuldades e o distanciamento dos estudantes da área, pois como o Laboratório de Avaliação ocorre no âmbito do PDVL, a relação entre o chão da escola e a escolha pela carreira docente é foco de estudos.

Extensão:

- Elaboração de instrumentos avaliativos de acordo com as áreas – Jogos Didáticos, ENEM e Experimentos;
- Testagem de práticas avaliativas qualitativas e quantitativas, a partir de controle de variáveis, pois estão indo às escolas realizarem atividades planejadas e testadas dentro do Laboratório;
- Formação de Professores de acordo com as propostas elaboradas e testadas, pois os professores do Ensino Médio, em contato semanal com os estudantes que desenvolvem as ações, têm a possibilidade de formação continuada.

Observamos o quanto os estudantes são protagonistas das ações e o quanto o Laboratório tem vida. Cada estudante contribui de acordo com suas habilidades e são preparados de forma efetiva para a vivência. O espaço do Laboratório tem cumprido todos os objetivos que se propõe, de acordo com seu documento inicial, testando as práticas fomentadas nos GT's, sugerindo procedimentos, instrumentos e formas de avaliação dessas práticas.

Essa testagem se dá quando os membros dos GT's apresentam para os membros do Laboratório de Avaliação a proposta das práticas elaboradas, assim, essas propostas são vivenciadas e criticadas pelos membros do Laboratório e filmadas. Após a vivência, é aberto um debate para sugestões. As filmagens servem para que, em caso de dúvidas, possam voltar a visualizar algo que desejam sugerir. AS sugestões podem ser sobre os instrumentos ou sobre os momentos da avaliação, que devem ser incluídos na proposta, verificando a necessidade de instrumentos avaliativos de mediação (HOFFMANN, 2001), de regulação (SILVA, 2004), de emancipação (SAUL, 2000), de reflexão (VIANA, 2014), além dos momentos reservados para os debates, negociações e autoavaliação, sempre, de acordo com o percurso metodológico da Avaliação da Experiência e tendo como fio condutor os seus pressupostos e princípios.

Considerações finais

Diante do exposto, observamos a importância do Laboratório de Avaliação. A sua importância é tanto para a materialização das perspectivas mais inovadoras da avaliação da aprendizagem, além de auxiliar na superação do distanciamento entre a literatura, os discursos dos professores, as suas concepções e as práticas avaliativas no chão da escola.

Outro aspecto a ressaltar é a aproximação dos licenciandos, que serão professores de Química, posteriormente, com uma discussão, reflexão e vivência de práticas avaliativas, superando a ideia de que ensinar e avaliar estão em lados distintos. É importante também porque essa discussão sobre avaliação é escassa nos cursos de formação de professores, apesar de sua importância, devido à ênfase pelos aspectos específicos do curso, em detrimento dos aspectos pedagógicos. No Laboratório de Avaliação, estudantes da Licenciatura aprendem a fazer o diálogo entre o ensino e a avaliação.

Referências

GUBA, E. G.; LINCOLN, Y. S. **Fourth generation evaluation**. Newbury Park, London, New Delhi: Sage, 1989.

HOFFMANN, J. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. Porto Alegre: Mediação, 2001.

KELLY, G. A. **A theory of personality**: the psychology of personal constructs. New York: W.W. Norton, 1955.

LIMA, K. S. **Compreendendo as concepções de avaliação de professores de física através da teoria dos construtos pessoais**. Recife, 2008. 163 p. Dissertação (Ensino das Ciências). Departamento de Educação, UFRPE, 2008.

SALES, E. S.; MONTEIRO, I. G. S.; LIMA, K. S. **Formação de professor, diretrizes da Educação brasileira para o ensino de Química e Avaliação**: saberes docentes essenciais à formação docente. In: VII Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade, 2013, São Cristóvão - SE. Anais do Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade, 2013.

SAUL, A. M. **Avaliação emancipatória**: desafio à teoria e à prática de Avaliação e reformulação de currículo. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SILVA, J. F. **Avaliação na perspectiva Formativa-Reguladora**: Pressupostos Teóricos e Práticos. Porto Alegre: Mediação, 2004.

VIANA, K. S. L. **Avaliação da Experiência**: uma perspectiva de Avaliação para o ensino das Ciências da Natureza. 2014. 212f. Tese (Doutorado em Ensino de Física e Química) – Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, Recife, 2014.

VENTURA, M. M. **O estudo de caso como modalidade de pesquisa**. Revista SOCERJ. 2007. 20(5) set/out. p. 383-386. Disponível em: <http://unisc.br/porta1/upload/com_arquivo/o_estudo_de_caso_como_modalidade_de_pesquisa.pdf>. Acesso em: 27.jun.2016.